

Dois Poemas de Sri Aurobindo

A Mãe dos Sonhos

Sri Aurobindo, 1908-9, na prisão de Alipore

Deusa suprema, Mãe do Sonho, quando tu estás de pé
às tuas portas de marfim,
quem são nesse momento aqueles que descem em direção aos homens em tuas
visões que aglomeram, grupo após grupo, descendo o declive
da via das sombras?
Sonho após sonho, eles brilham e lampejam com a chama das estrelas ainda ao
seu redor;
Espectros ao teu lado cavalgam em uma obscuridade onde dançam
fogos selvagens, estrelas cintilam e piscam e o meteoro errante fulgura;
Há vozes que bradam aos seus próximos que respondem;
vozes doces, no coração elas tocam e encantam a alma à escuta.

O que são nesse momento essas terras e essas areias douradas
e esses mares mais radiosos do que a terra pode imaginar?
Quem são aqueles que caminham ao longo das ondas púrpuras que correm para
o chão margeado de falésia de tua praia de jaspe sob céus em que o mistério
devaneia,
Envoltos no luar que não é de nossa noite ou imersos em uma luz solar que não
é do dia?
Quem são aqueles que chegam cruzando teus oceanos com velas
cujas cordas não são feitas pelas mãos, e que um vento não-terrestre faz
avançar?
Por que eles se unem em uma linha mística àqueles nas areias
juntando as mãos em danças estranhas e majestosas?

Tu, nos ares, com uma chama em teus cabelos, a observar o rodopio
de tuas maravilhas,

Manténs a noite sob tua antiga justiça, Mãe divina, jacintina,
por uma faixa de beleza defendida.

Com uma espada de fogo, atraindo o desejo, teu tenebroso reino
tu guardas,

Em uma doçura estrelada, com a lua aos teus pés, ora escondida,
ora vista nas nuvens entre a escuridão e o deslizar de tuas tranças.

Àqueles somente que tua fantasia escolheu, Ó tu do coração livre,
é dado ver tua magia e sentir teu afago.

Abre o portão onde tuas crianças esperam em seu mundo
de uma beleza não-obscura.

Alto a tronar em uma nuvem, vitorioso e orgulhoso eu percebi
Maghavan cavalgar quando o exército dos ventos o seguem;

Eu recebi dos céus alimentos para saborear e frutos de imortal doçura;

Bebi o vinho dos reinos divinos e ouvi o canto da música estranha
de uma lira que nossas mãos não podem aprender;

As portas abriram-se de maneira vasta nas câmaras esplendorosas
onde residem os Deuses e as Apsaras dançam em seus círculos
cada vez mais rápidos.

Pois tu és aquela que podemos ver primeiro quando ultrapassamos
os limites do mortal;
Lá, nos portões dos estados celestes tu plantastes teu cetro encantado oscilante
sobre a cabeça do logue.
De ti vêm o sonho e os espectros que parecem e as luzes fugitivas
que nos iludem;
Tua é a sombra em que visões são feitas; por tuas mãos impelidas,
das terras celestes chegam as almas que rejubilam para sempre.
Em teus mundos-do-sonho passamos ou olhamos em teu espelho mágico,
depois, mais além de ti, nós subimos, fora do Espaço e do Tempo
para o pico da divina tentativa.

Parabrahman

Sri Aurobindo, antes de 1914

Essas perambulações dos sóis, essas estrelas a brincar
Na medida justa que escolheram outrora,
Não apenas isso, mas toda a imensa disposição
De objetos que este longo Tempo e o Espaço longínquo podem conter
(em si),

São momentos divinos. Eles são pensamentos que se formam,
São visão no Self de coisas augustas
E portanto altamente reais. Regra e norma
São processos a que eles se ajustam eles mesmos.

O Self das coisas não é sua visão exterior,
Uma Força interior decide. Esta Força é Ele;
Seu movimento é a imagem das coisas que conhecemos,
O movimento do Pensamento é o Espaço e o Tempo. Livre.

E soberano mestre de Seu mundo dentro de Si,
Ele não está atado por aquilo que Ele faz ou cria,
Não está atado pela virtude ou pelo pecado,
Aquele que desperto, dorme e quando dorme está desperto,

Ele não está atado pela vigília ou pelo sono;
Ele não está atado por absolutamente nada.
As leis existem para que Ele possa vencê-las. Rastejar
Ou voar muito alto à Sua vontade, elevar-se ou cair.

O Um outrora no alto possuía a Si-mesmo
Aquele que não era alguém nem tinha forma,
Nem contudo era sem-forma. Nem ódio nem amor
Pode limitar Sua perfeição, paz nem tempestade.

Que Ele é, não podemos dizer; pois o Nada também
É Sua concepção de Si mesmo inimaginável.
Ele começa a aparecer para nós e queremos persegui-Lo,
Mas quem O encontrou ou quais braços possuíram?

Ele é “nada”, contudo tudo é Ele;
Ele não é tudo, mas excede de longe essa extensão.
Tempo e Sem-Tempo, ambos, afundam nesse mar:
Tempo é uma onda e Espaço uma gota errante.

Em Si-mesmo Ele manifesta um reflexo do Ser,
O que é um nascimento novo, Ele escolhe um véu
Para em parte esconder-se, o Conhecimento – que nada vale
Salvo para ter vislumbres de sua poderosa causa,

E o Deleite supremo, um espírito infinito,
Essa é a fonte desse mundo glorioso,
Deleite que labora em seu contrário,
Empalidece na rosa e enrola-se em torno do cavalete.

Esse foi o campo de jogo triuno que Ele fez
E o Um aí se diverte um instante. Ele colhe Suas flores
E por Suas abelhas é picado; ele fica consternado,
Foge de Si mesmo ou tem Suas horas soturnas.

O Um Onipotente conheceu labor, fracasso, luta;
O Conhecimento esquecido descobre a si mesmo mais uma vez;
Ele fez uma morte ávida e a chamou vida,
Com a beatitude Se pica e a chama dor.